

Recessão democrática

Homero Costa¹

Em 2018 foram publicados no Brasil dois livros importantes para compreender o atual estágio da democracia no mundo: *Como as democracias morrem* de Steven Levistky e Daniel Ziblatt (editora Zahar) e *Como a democracia chega ao fim*, de David Runciman (editora Todavia).

O diagnóstico é que o futuro da democracia está ameaçado depois de um período de expansão, especialmente pós o fim da Segunda Guerra Mundial, com a derrota do nazifascismo. Para os autores, há um perigoso retrocesso democrático no mundo, no qual constata-se uma erosão das normas democráticas. Os regimes políticos democráticos têm declinando, aumentando os regimes autoritários e este é o grande desafio: o que e como fazer para impedir o avanço desse retrocesso.

Um dos componentes desse processo é a intolerância. Para Levistky “A intolerância mútua coloca a democracia em perigo. Quando a política fica polarizada a ponto de vermos rivais como ameaça à nossa existência, o que tornaria sua eleição intolerável começamos a justificar o uso de meios extraordinários - violência, fraude eleitoral, golpes - a fim de derrotá-los”.

O termo *recessão democrática* foi utilizado pelo cientista político norte-americano Larry Diamond (Universidade Stanford) no artigo *Facing Up to the Democratic Recession* (“Enfrentando a recessão democrática”), publicado *Journal of Democracy* (volume 26, Number 1 January 2015) e disponível em https://www.journalofdemocracy.org/sites/default/files/Diamond-26-1_0.pdf

Para ele, as características dessa recessão são: o declínio da participação popular em eleições; a fraqueza no funcionamento dos governos; o declínio da confiança nas instituições e dos partidos políticos a crescente influência de instituições e órgãos de especialistas não eleitos nos processos eleitorais e o abismo entre as elites políticas e o eleitorado; o declínio na liberdade de expressão; e a erosão das liberdades civis.

¹ Professor Doutor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Quanto ao declínio da democracia, a sua constatação está num relatório divulgado no dia 31 de agosto de 2018 pela revista britânica *The Economist* (“Índice da Democracia”) em que avalia 165 países. O índice, em uma escala de 0 a 10, se baseia na nota de 60 indicadores, reunidos em cinco categorias: processo eleitoral e pluralismo, liberdades civis, funcionamento do governo, participação política e cultura política. O que foi apresentado faz parte de um conjunto de dados que têm sido realizados todos os anos, chamado *Index Democracy* com o objetivo de mensurar a percepção do regime político democrático no mundo.

Segundo os dados apresentados houve um declínio de 5,52 em 2016 para 5,48 em 2017 e é o pior desde 2010, que foi 5,46 e apenas 30 dos 165 países foi classificado como de *democracias plenas* (os demais foram qualificados como democracias falhas, incluindo o Brasil).

No relatório consta que em 2017 nenhuma das regiões do mundo observou uma melhora na média de seu índice de democracia em relação ao ano anterior - a América do Norte (Canadá e EUA) apenas manteve a nota. Europa Ocidental e Oriental, Oriente Médio/Norte da África, África Subsaariana, América Latina e Ásia pioraram.

O estado da democracia no Brasil seguiu a tendência global e piorou em 2017 e a nota está em queda desde 2014, entre outros aspectos, o relatório destaca as votações das duas denúncias contra o presidente Michel Temer que foram derrubadas no Congresso Nacional.

Os dados expressam o que diversos analistas têm qualificado como de crise da democracia representativa, que se caracteriza, entre outros aspectos, na perda de confiança na política democrática e no Legislativo, Executivo e no Judiciário.

Mas a constatação e os dados não podem ou não devem significar o fim da democracia, mas o seu oposto: a necessidade de mantê-la porque é exatamente nesse vácuo de descrença que crescem as tentações autoritárias.

Fernando Henrique Cardoso no artigo *civilização ou barbárie*, publicado no dia 1/4/2018 no jornal o *Estado de S. Paulo* disse: “A história dos últimos 20 anos mostra que a democracia pode morrer sem que necessariamente haja golpes de Estado e supressão de eleições. Ela morre quando grupos e líderes políticos se aproveitam do rancor ou do medo do povo para sufocá-la”.

E esta uma das teses centrais do livro de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt: O fim das democracias não se dá mais com os tradicionais golpes militares, mas pelo voto: as democracias são corroídas lentamente, e às vezes por pessoas que subvertem o processo que o levou ao poder.

O fato é que há uma ameaça real à democracia, dos que desprezam as instituições democráticas em várias partes do mundo, ou seja, o crescimento da extrema direita hoje ameaça também países com larga tradição democrática na Europa, com as conseqüências que se conhece desses retrocessos: além da xenofobia, a regressão de toda ordem: cultural, política, econômica e social.

Assim, se a democracia está ameaçada, há a necessidade de defender e aperfeiçoar as instituições democráticas e esse deve ser o maior objetivo: A defesa do Estado Democrático de Direito, com respeito às liberdades civis e dos direitos humanos.